

ONU vai orientar PMs a cuidar de escolas

► A idéia é dar soluções menos repressivas e mais preventivas a problemas nos colégios públicos

PLINIO DELPHINO

► A Organização das Nações Unidas começa a desenvolver um projeto com os policiais militares responsáveis pela segurança nas escolas municipais e estaduais da cidade e do estado. O objetivo é ensinar os PMs a colocar em prática as leis estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e não atuar apenas com as regras aprendidas no Código Penal. O

projeto Polícia e Escola está criando material didático para capacitar PMs e rediscutir os papéis da polícia e da escola. A idéia é encontrar soluções menos repressivas e mais preventivas na resolução de conflitos em estabelecimentos de ensino em São Paulo.

O Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (Ilanud), órgão da ONU, e o Instituto Sou

da Paz pretendem iniciar nessa semana o programa para orientar, inicialmente, policiais militares das 1ª, 2ª e 3ª Companhias do 1º Batalhão, que trabalham em áreas carentes como o Capão Redondo, Jardim Ângela e periferia de Santo Amaro, todos bairros da Zona Sul da cidade.

Cultura da paz

Segundo a diretora de projetos do Instituto Sou da Paz, Luciana Guimarães, é preciso primeiro diagnosticar os problemas que atingem as escolas. "Não adianta apenas reprimir com o olhar voltado exclusivamente para o Código Penal. Seria como matar uma mosca com tiro de canhão", argumentou Luciana.

Luciana explica que professores, alunos, pais, comunidade e polícia têm de ter seus papéis definidos para se estabelecer uma cultura de paz nas escolas. "Estabelecimento de ensino tem que ser um espaço democrático, onde a comunidade possa participar de atividades e se sentir como se estivesse em sua casa. Se o cidadão gosta de um lugar, dificilmente vai depredá-lo, e sim preservá-lo", argumentou Luciana.

No início do mês, o secretário da Segurança Pública, Sau-

tráfico de drogas, agressões e roubos. "O alcoolismo cresceu nas escolas", disse Túlio.

Pesquisa realizada em 99 pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, com 1.800 alunos, constatou-se que 7% dos alunos de escolas públicas paulistanas usaram maconha ou inalantes (12%). Proporções que se elevam para 25% nas escolas particulares.

"Mas pequenos delitos, como depredações, pichações e furtos são mais comuns do que o tráfico, homicídio e porte de arma. São atos de incivilidade que podem ser resolvido muitas vezes com ações menos repressivas", disse Túlio.

Alcoolismo aumenta nos colégios

► A diretora de projetos do Instituto Sou da Paz, Luciana Guimarães, acha que apenas reforçar todo o aparato policial nas escolas seria uma solução paliativa para um problema de causas mais profundas. "Transformar escolas em quartéis não vai resolver os problemas", afirmou.

Secretário executivo do Ilanud, o sociólogo Túlio Kahn explicou que os casos que têm grande destaque na mídia, como os que resultam em mortes, são raros. O mais recente exemplo foi o assassinato da diretora Edi Greenfield, em 1º de abril, ao sair da escola em Guaianazes, Zona Leste. Mas os mais frequentes são casos de



TÚLIO KAHN lembra que pequenos delitos são os mais frequentes

lo Abreu de Castro Filho, divulgou que a secretaria fez um mapeamento da violência em escola e detectou 80 unidades de ensino do estado consideradas de altíssimo risco. "Estamos reforçando o número de policiais nessas unidades, quase todas localizadas na periferia. Vamos instalar zeladorias, câmeras e aumentar os muros",

disse o secretário.

Segundo Luciana, para resolver o problema da violência tem que se respeitar o Estatuto da Criança e do Adolescente e Lei de Diretrizes de Base. "Escolas são locais onde se forma o cidadão. O jovem precisa de alternativas para problemas, como a gente tenta resolver os nossos em casa", exemplificou.